



Túlio, do Botafogo: o artilheiro diz que não gosta de cabecear a bola



O jogador Jardel cabeceia com frequência e estaria sujeito aos danos

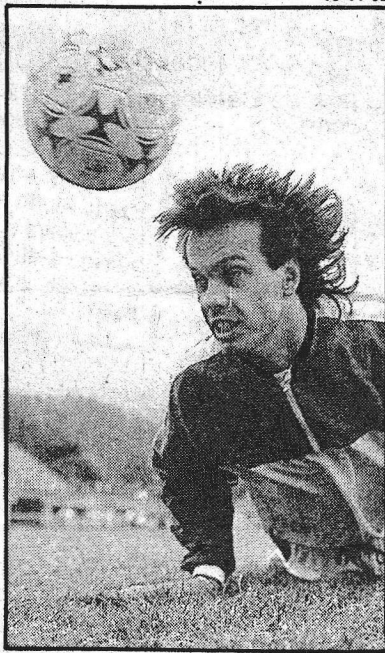
Cabecear bola com frequência afetaria raciocínio de jogador

DANIEL GOLEMAN
Do New York Times

NOVA YORK — Futebol e outros esportes em que os jogadores recebem com frequência impactos na cabeça podem causar distúrbios na capacidade de raciocínio e concentração. Um estudo de neuropsicólogos americanos revelou que boladas rotineiras, mesmo que fracas, facilitam o desenvolvimento de pequenas lesões no cérebro.

No trabalho, apresentado ontem pela Associação Americana de Psicologia, os cientistas da Faculdade de Medicina da Virgínia disseram que os jogadores que cabeceiam com frequência apresentam desempenho mais baixo em testes neuropsicológicos do que os demais. O estudo foi realizado com 60 jogadores de futebol, com entre 18 e 29 anos.

Pesquisas anteriores já haviam indicado problemas neurológicos em praticantes de futebol americano e boxe, esportes em que os impactos são muito violentos. Porém, essa é a primeira vez que se encontram distúrbios em jogadores de futebol, considerado menos agressivo.



Gaúcho não teme possíveis lesões

— É preciso ter cautela, mas não é necessário alarme. O futebol é um esporte saudável; porém, como qualquer outro, tem seus riscos — disse a chefe da pesquisa, Adriene Witol.

Ela sugere que os jogadores usem capacetes protetores, como

“ Se a pesquisa estiver correta, tenho pouco tempo de vida. ”

Gaúcho
Jogador de futebol

já fazem os praticantes de boxe e futebol americano. Segundo Adriene Witol, os jogadores que cabeceiam dez ou mais vezes por partida se saem pior em testes de atenção, raciocínio, percepção e memória.

— Baixa desempenho nesses testes indica distúrbios nas funções cognitivas, que podem levar a longo prazo a algum tipo de lesão cerebral — disse Adriene.

Os cientistas explicaram que batidas sucessivas e frequentes (mesmo as leves) na cabeça podem lesar os axônios, prolongamentos dos neurônios (células cerebrais) usados para a comunicação entre uma célula e outra.

Médico Lídio Toledo discorda do estudo

O chefe do Departamento Médico do Botafogo e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Lídio Toledo, discorda dos resultados do estudo da Universidade de Richmond. Ele afirma que seria preciso que o jogador tomasse uma bolada extremamente forte na cabeça para que fossem produzidos danos cerebrais consideráveis, o que é muito raro.

Toledo diz que, desde que começou a trabalhar com medicina esportiva, em 1959, nunca viu qualquer lesão cerebral causada por uma cabeçada na bola.

Toledo explica que na maioria das vezes, um jogador cabeceia bolas alçadas por cruzamentos, quando ela é recebida sem velocidade suficiente para provocar choques muito fortes. Nesses casos, a bola chega amortecida.

— Essa pesquisa pode ter interesse científico, mas na prática não tem valor algum — concluiu Toledo.